

PENITÊNCIA EM LOUVOR A DEUS E AOS SANTOS: NARRATIVAS DE MULHERES DA COMUNIDADE DE BOTUQUARA SOBRE “A REZA PARA CHOVER”

Thamires Lopes Neves

E-mail: thamireslopes808@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia- UNEB-Campus XII

RESUMO

As rezas fazem parte da cultura popular de um determinado povo, por meio dessa é possível observar um sentimento de pertencimento, um saber, que, sobretudo é passado de geração para geração e se faz presente na memória das/dos que a realizam. O objetivo desse artigo é registrar como acontecia a Penitência em louvor a Deus e aos Santos na Comunidade de Botuquara, bem como, mostrar narrativas e lembranças voltadas para essa. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo na perspectiva de Godoy (1995), mediante a uma entrevista semiestrutura, tendo em mãos um roteiro pré-estabelecido e dinâmico. Foram entrevistadas duas mulheres residentes na própria comunidade; para identificação das participantes foi usados nomes fictícios. Ademais, para fundamentação e diálogo foram utilizados autores que dialogam com as questões discutidas, entre eles HALBWACHS (1990); GUARINELLO (1995); BRANDÃO (1980). De acordo com os resultados obtidos foi possível conhecer essa crença, tendo em vista a descrição feita por mulheres que carregam na memória esse saber grandioso e importante para o resgate da identidade de um povo.

Palavras-chave: Grupo. Identidade. Memória. Penitência. Rezas.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo resulta de um trabalho desenvolvido no componente curricular Núcleo de Pesquisa e Prática Pedagógica II, ministrado pelo professor e Doutor Domingos Rodrigues da Trindade no curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. O interesse pela pesquisa surgiu em querer reviver a memória e reconhecer a importância dessa prática para a identidade do grupo e da comunidade de Botuquara, localizada no sudoeste do estado da Bahia, pertencente ao município de Riacho de Santana-Ba. Uma região de clima semiárido, que, sobretudo, apresenta altas temperaturas climáticas no decorrer do ano, resultando, em falta de chuvas, que a população se ver em uma seca, impossibilitando o plantio e a criação dos animais.

Ademais, outra inquietação surgiu pelo fato, de ser o lugar onde moro, já que, sou um pouco jovem, procuro sempre aos mais velhos para contar sobre as práticas que fazem parte da memória dessa comunidade. Nesse sentido, parto da seguinte pergunta: O que as pessoas da Comunidade de Botuquara contam sobre a penitência em louvor a Deus e aos Santos, feita em especial para a vinda da chuva?

Tudo reflete para um resgate da história de Botuquara. Nesse processo de construção sou conduzida para a minha infância entre seis ou sete anos, da janela da minha casa observava aquela seca, o sol alto, em torno do meio-dia, crianças junto a mulheres e um homem, descalços, carregando garrafas de água, faziam a reza, na maioria cantando, e logo após molhavam o cruzeiro. Hoje, essa prática encontra-se um pouco esquecida em decorrência do tempo, contudo a memória das suas “guardiãs da história¹” é um fator importante para o regaste da identidade do grupo e da comunidade: “o grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo” (HALBWACHS, 1990, p. 87).

O povo que vive na referida comunidade é em sua maioria pertencente à religião católica e guarda na sua memória uma devoção que permeia os tempos. Assim, observa-se que todas as narrativas refletem para um saber comum, longe de algo que é ensinado na escola, mas sim, uma prática popular, tornando evidente que tudo passa por certa resistência, já que muitos não acreditam, contudo, tudo é uma questão de fé. Entretanto, é preciso demarcar que hoje essa reza para chover encontra se interrompida, porém a pretensão desse texto não é mostrar por que se perdeu essa prática, mas tem como objetivo registrar como acontecia essa Penitência em louvor a Deus e aos Santos na Comunidade de Botuquara, bem mostrar narrativas e lembranças voltadas para essa, trazendo, sobretudo, reflexões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As tradições de certos locais remontam ao cotidiano das pessoas que ali vivem e, por conseguinte a religião faz parte da vida de muitos, é evidente que compõem a cultura popular. Em meio ao cenário, as histórias dos antepassados poderiam ser primeiro contadas por fundamento de se conhecer a religião desses, já que, reflete na prática, determinado valores e ideais, ou ainda, quem muito acredita passa para os seus, suas crenças. Seguia assim: de pai para filho, de mãe para filha. “O aprendizado desses saberes é perpassado de geração para geração e tais conhecimentos independem de uma educação formal ou de escolas instituídas, elas se dinamizam em seu próprio fazer e refazer”(HEBERLÊ, 2013, apud DINIZ, 2018, p. 2). Sendo assim, não resulta de um saber formal, ou seja, que venha a ser ensinado nas escolas,

¹ Nome dado para identificar as mulheres que guardam os saberes das rezas para chover.

geralmente os saberes passados de geração organizam-se em torno de um certo “dom”, assim uma pessoa tende a apadrinhar a outra, todavia, o que se observa na maioria das rezas são mulheres, homens, crianças que com muita fé e louvor a Deus e aos santos católicos acreditam na certeza de se ter uma devolutiva ao fazer tal penitência.

Outrossim, quando se fala em crença em algo, não se tem nada datado, ou às vezes escrito, mas trabalhado a partir de uma tradição oral e, por meio dessa tenha a se chegar a um dado entendimento, ou seja, a pessoa que escuta tende a “pega-la” para si e guarda-a na memória os dizeres dos seus ancestrais ou de pessoas próximas ao convívio dessa, mesmo que o tempo venha a passar e de certa forma, torna-se desgastado e perdido ao longo das épocas:

[...] Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições chave, isto é, tradição oral (VANSINA, 1980, p. 157).

A tradição pode definida e refletida como um testemunho transmitido verbalmente de uma pessoa à outra, são, acertadamente de extrema relevância para o resguardo de um determinado saber da comunidade. Nessa perspectiva, foi um ponto crucial para a coleta de informações presentes nesse estudo. Quando uma dada pessoa lembra daquilo que já vivenciou, faz o resgate do seu imaginário e com acerto pega um ponto dessa e conta aos seus.

Assim, esses testemunhos (narrativas) tendem a fortalecer e relembrar para a aqueles que já conhecem essa prática. “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para contemplar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (HALBWACHS, 1990, p.25). O autor evidencia um aspecto valioso na história de uma comunidade “os mais velhos”, as testemunhas, em que na memória desses guardam grandiosas singularidades daquele lugar e se quisermos conhecer as práticas, nesse caso as rezas feitas para chover devemos fazer um “apelo” e voltarmos para as suas narrativas.

3 METODOLOGIA

Para a contemplação do presente trabalho foi feita uma abordagem de pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que, tem um enfoque maior no desenvolvimento do que pelo resultado, afinal, essa sugere algo que vem da subjetividade do (a) entrevistado (a). Outrossim, o ponto de partida foi uma entrevista semiestruturada, tendo em mãos um roteiro pré-estabelecido,

dinâmico, e sobretudo, pressupõe questões que foram surgindo ao longo das narrativas. A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995),

[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 58).

Foram entrevistadas duas mulheres que vivem Comunidade de Botuquara, ambas já participaram dessa penitência, e para a identificação das participantes foram utilizados dois nomes fictícios, sendo eles: Ana e Maria. Ademais, foi utilizado para fundamentação teórica autores como: HALBWACHS (1990); GUARINELLO (1995); BRANDÃO (1980).

3.1 O Contexto Histórico

A comunidade de Botuquara pertence ao município de Riacho de Santana-Ba fica localizada no sudoeste da Bahia. Há relatos orais que o município de Riacho de Santana nasceu nessa comunidade, assim, o primeiro passo da cidade nasceu ali. Inicialmente Botuquara se chamava Boqueirão que tem como origem a indígena, já que, os primeiros habitantes dessa terra foram os povos indígenas Canindés. O nome tem por significado “trecho de rio entre montanhas”, pela sua localização ser entre montanhas. Mesmo não tendo uma fonte histórica escrita, existem relatos de pessoas mais velhas que residem na comunidade que dizem esta comunidade é mais velha que a cidade de Bom Jesus da Lapa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomar o caminho e ofício de rezar não é nada fácil, todavia é prazeroso seguir essa tradição passada de geração a geração, ou ainda, seguir o percurso é abraçar e ser encantado (a) pela grandiosidade de saberes que as pessoas, sobretudo, os que “as guardiãs” guardam consigo. Com o passar do tempo essa prática foi perdida, porém, como foi dito anteriormente a pretensão com essa pesquisa não é saber o porquê se acabou, mas sim mostrar as lembranças e memórias que tanto Ana quanto Maria se têm quando vem à mente “reza para chover”. Assim, é necessário ressaltar que essa prática pertence à história da comunidade, propagada por meio de experiências próprias das pessoas que nessa vivem e vivenciaram essa penitência.



Ao tratar essa questão é necessário entender e ter em vista a noção do tempo, já que, esse é sujeito à mudança, ou seja, o que se passou há cerca de dez anos atrás, por exemplo, não permanece o mesmo nos dias atuais. Como se tem proferido os conhecimentos populares são diálogos adquiridos com o passar dos anos e das vivências e conferidos por meio da memória. No relato, pode se observar o gosto e a satisfação ao contarem essas narrativas, visto que, fazem parte de sua vida e reafirma a sua identidade. Segundo Guarinello (1995):

A memória, em primeiro lugar, como fundamento mesmo da tradição de uma cultura, como produto social, liga-se à reprodução da sociedade, organiza e reproduz consciências, repetições. Confere um sentido de permanência e de unidade no tempo, de identidades a grupos específicos ou à sociedade como um todo. Podemos observar esse caráter unificador da memória, por exemplo (mas não só), nas atividades coletivas que se reproduzem ciclicamente, nas festas cívicas ou populares, nos ritos religiosos ou nos rituais políticos, como as eleições. (GUARINELLO, 1995, p. 188).

Nesse sentido, a memória é parte inerente de um povo e, sobretudo da cultura. Desse modo, mesmo que a dinâmica do momento atual tenha a desvalorizar essa tradição, as que a admiram tentam de certa forma colocar vivo um saber que faz parte do passado e da história da comunidade.

4.1 Guardiãs da História: Narrativas de Mulheres da Comunidade de Botuquara

As narrativas das entrevistadas (Ana e Maria) proferem para um saber passado de geração a geração, assim, podemos evidenciar que existe certa singularidade, onde é possível conhecer um comportamento individual, porém ao mesmo tempo faz parte do coletivo da comunidade: Ana é uma senhora de sessenta e quatro anos, mora na comunidade de Botuquara e para ela fazer esse relato foi prazeroso, uma vez que, foi um momento único de relembrar momentos de sua vida, que ficou no passado e guardado em um lugar especial em seu coração. Nesse viés relembrar é viver, ou mais que isso é reconstruir aquela cena que um dia viveu. Sobre a penitência para chover, Ana relata:

É uma tradição idealizada por meus avós, minha mãe, passada de geração para geração. Eu me lembro bem que a gente rezava e era uma caminhada longa, saía daqui (Botuquara) passava pela pista e o retorno era por outra estrada, pelo Tamboril...Com pedras na cabeça, garrafas de água, flores e descalço ainda (Ana, 2023).

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Infância

16 a 19 de agosto

Ana enfatiza que a caminhada era longa, revelando ser uma penitência mesmo, nela havia mulheres (maioria), homens, crianças. E ainda tinha a crença da estrada, onde se fosse por um caminho não podia voltar por esse mesmo, tinha que ir por outro. Ela relata que a vinda da chuva exclusivamente era almejando o plantio, para a criação de animais e, sobretudo para não passar sede. Ela admite que chovia mesmo.

Como se verifica no relato, compreendemos que uma geração acompanha a outra, Ana, por exemplo, aprendeu com a mãe, que provavelmente também acompanhou os avós nessa penitência. Logo, é reconhecido que tudo é pensado e assistido a partir da religião ao qual se segue, nesse caso a Religião Católica, pois a religião compõe a que se entende por cultura popular, que através dessa constitui uma característica essencial, para conservar o que se ensina e de certa forma aprende, conforme Brandão (1980):

Talvez a melhor maneira de compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali aparece viva e multiforme, mais do que em outros setores de produção de modos sócias da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos (BRANDÃO, 1980, p.15).

Nessa perspectiva, identifica-se que a religião está intimamente ligada à cultura, portanto, estudar essa prática social é fundamental para se compreender elementos da constituição da cultura de um povo.

Maria, a segunda entrevistada tem cinquenta anos, reside na comunidade de Botuquara, para ela, contar sobre suas memórias afetivas foi de uma grandiosidade. Na fala dela percebem-se evidências presentes na fala de Ana, porém traz informações complementares, já que há a inclusão de um casal (identificados aqui como Joana e Francisco) e que a partir deles ela conheceu essa penitência e, posteriormente começou a realizá-la:

“Quem primeiro começou foi o Casal Joana (em memória) e Francisco (em memória) e, depois passaram para os seus filhos. Aí depois eu e várias outras pessoas da comunidade também seguiram com essa reza. Entre essas pessoas estavam mulheres, crianças, homens e idosos” (Maria, 2023).

Maria fala sobre como acontecia e os caminhos percorridos da mesma forma que Ana havia dito, porém, quando a foi perguntada o por quê de não poder voltar pelo mesmo lugar que iniciava a caminhada, ela argumenta que não sabe ao certo, mas acredita se quebrasse essa

crença a reza não serviria. Segundo ela, a reza sempre ao meio-dia era acompanhada de cânticos, contudo apenas um ficou guardado em sua memória e, cantou: “Oh virgem Senhora mãe da piedade, livrai-nos das penas, da eternidade [...] Por este Senhor que tenhas no braço [...]” (Maria, 2023).

Ademais, Maria detalhou um pouco do que acontecia após a longa caminhada: “Após a caminhada, chegava à igreja, nessa tinha um cruzeiro², aí a gente coloca as pedras ao chão, juntamente com as flores e, por fim, molhava o cruzeiro” (Maria, 2023).

Percebe-se nas duas narrativas a complexidade e a vontade de relatar aquilo que já vivenciou, revelando assim, como as tradições orais são importantes. Dessa forma, como argumentava Halbwachs (1990) o grupo quando reconhece aquilo que viveu, tende a tomar isso como um pertence e, sobretudo, mesmo com o passar do tempo observa que o tempo mudou, mas, que de certa forma, certas lembranças permanecem e fazem disso sua identidade. Assim, tanto Ana quanto Maria sabem que a geração de hoje mudou, porém não as impedem de contar essas narrativas e rememorar essas lembranças.

5 CONCLUSÃO

Ao final desse trabalho conclui-se que a memória foi um fator importante para os diálogos nele apresentado e como essa deve ser preservada, não se fala somente em memória individual, mas coletiva, a que faz parte da identidade do grupo. Ademais, a força das “Guardiãs da História” tem muito a contribuir para o resgate e o fortalecimento da identidade da comunidade de Botuquara, visto que, essas guardam esses ensinamentos que tanto foram passados, seja pela própria família, ou pelas pessoas que não mais estão presentes. Outra questão observada é de quão a religião está presente na vida dessas mulheres e, bem como, como a fé é importante no processo de constituição da cultura de um povo.

A realização desse estudo resgatou algo sobre uma prática social que um dia muita gente vivenciou articulada pela fé. Conhecer e ouvir essas narrativas foi gratificante enquanto estudante do curso de Pedagogia e ao mesmo tempo como parte da minha história, de um imaginário sobre essa Penitência em Louvor a Deus e aos Santos, algo que precisa ser estudada, sobretudo, nos tempos em que vivemos, de perda de valores.

² Cruz alta pregada à frente da igreja Católica

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



16 a 19 de agosto

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. São Paulo: Editora S.A., 1980.

DINIZ, Ericka Ellen Cardoso da Silva. **A Arte de Curar: Saberes e Práticas de Rezadeiras e Bezendeiras no Cuidar da Saúde**. V Congresso Nacional de Educação- CONEDU, 2018.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, mar-abr, p. 57-63, 1995.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. *In: RBH, ANOUH*, n. 28, São Paulo, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: **Revista dos Tribunais LTDA**, 1990.

HEBERLÊ, Mariluz Oliveira. **Um estudo da concepção dos profissionais de saúde sobre as práticas integrativas e complementares em saúde**. Universidade Federal De Santa Maria - centro de ciências sociais e humanas programa de pós-graduação em ciências sociais. Santa Maria, 2013.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. *In: KI-ZERBO, Joseph (Org.)*. **História Geral da África I – Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática/Unesco, 1980.